|  |
| --- |
| **COMISSÃO DA VERDADE**  **OITIVA DE DEPOIMENTOS**  **PRESIDENTE**  **DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**  **24/05/2013** |

**COMISSÃO DA VERDADE.**

**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.**

**24/05/2013**

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Vinte e quatro de maio de 2013, está instalada a 46ª Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 24 de maio de 2013, às 13h30, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, auditório Paulo Kobayashi para oitiva dos depoimentos sobre o caso de crianças que foram atingidas pela ditadura no Brasil.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo pretende realizar todas as audiências abertas ao público.

Hoje nessa audiência pública nós estamos com o Raphael Martinelli e seus três filhos que puderam vir. O quarto filho, Luiz Carlos não pode vir. Rosa, Edson, Jaime Martinelli. O Luiz Carlos não pôde vir. Quem começa? A Rosa começa? O Jaime começa.

**A SRA. ROSA MARTINELLI** - (chora emocionada).

**O SR. EDSON MARTINELLI –** Como a Rosa já ficou emocionada, deixa eu tentar não me emocionar. Hoje de manhã eu procurei fazer um roteiro do que eu poderia falar, um pouco do que foi a minha vida.

Tudo começou em Jundiaí. Nós nascemos em Jundiaí, meu pai ferroviário, minha mãe, doméstica. Fomos crianças normais, brincamos na rua, em campos de malha. Enquanto isso meu pai iniciava em causas sindicais e socialistas.

Fomos crianças que curtimos a mudança para o Rio de Janeiro e continuamos a brincar na rua, e passeios em Copacabana. Todos os domingos nosso pai levava a gente para Copacabana. Enquanto meu pai se destacava na federação dos ferroviários e na greve da classe ferroviária.

Fomos crianças que viajamos pelas praias da Bahia, Pernambuco, hospedados em casa de frente para o mar enquanto meu pai era ovacionado nos palanques das ruas e praças.

Fomos crianças que vivenciamos o primeiro terror em ter que fugir na madrugada de março em 1964 (chora emocionado), enquanto meu pai fugia para outros destinos que não o nosso.

Fomos crianças instaladas em casas de estranhos em cidades desconhecidas ao fim da fuga. Fomos crianças separadas em casas de tios diferentes e deles dependentes. Fomos crianças com dificuldades nas diferentes escolas naquele ano. Enquanto por um ano não conseguimos saber onde estava o nosso pai. E felizes por poder viver com ele novamente após essa ausência assustadora. Fomos filhos que voltaram a brincar nas várzeas da Lapa de baixo, mas fomos crianças que tiveram que justificar dezenas de vezes porque desses nomes e sobrenomes associados à Esquerda, enquanto meu pai continuava na luta da Esquerda brasileira.

Fomos pré-adolescentes assustados e horrorizados com a notícia da prisão por quatro anos e tortura de nosso pai. Fomos pré-adolescentes que tivemos que ir ao trabalho mais cedo para sustentar a nossa casa. Paramos de brincar e de viver o fogo da idade. Tivemos que nos policiar no trabalho para não fugirmos de sermos taxados como burgueses, também tinha essa dualidade.

Fomos adolescentes e parceiros do meu pai na formação e campanha do novo partido construído para nós, PT. Fui namorado de uma única mulher, me apaixonei e com ela casei. Enquanto meu pai levantava a bandeira do PT e por ela lutava até a posse do seu líder maior.

Fui eleitor do José Dirceu, José Genoino e Lula, enquanto meu pai não conseguiu nenhuma única função de liderança dentro do governo do PT.

A vida foi acontecendo.

Fui, acredito que sou um bom marido, bom pai e perdi minha mãe. Enquanto meu pai perdeu a esposa, perdeu a oportunidade de ajudar intensivamente o nosso Brasil, por não governar. Não deixaram ele participar do processo do PT.

Hoje sou um cidadão com 60 anos de idade. Perdendo a esperança em ver o que sobrou do meu pai, e eu, e o que ele e eu sonhamos de alguma forma para essa vida.

Perdi um pouco da infância, um pouco da adolescência, e um pouco da convivência do meu pai. Perdi um pouco de dinheiro que queria ter, um pouco da convivência com os meus irmãos, perdi e perdemos muito.

Perdemos partido, perdemos vozes que nos dão a esperança em ação. Perdemos governantes no sentido eficiente da função. Perdemos opção de votos e perdemos os eleitos. Perdemos o cumprimento das leis e suas punições. Perdemos saúde, gentileza, educação, segurança e por aí afora. Mas ganhamos. Ganhei meus filhos, minha esposa, minha moradia, a vida longa do meu pai. Ganhei meus irmãos e amigos, ganhei consciência, dignidade e honestidade.

Ganho em viver e poder dizer agora que as perdas fazem parte da nossa vida e que futuras gerações de filhos e pais sindicalistas políticos ou não que de alguma forma contribuíram para a construção de uma vida melhor. Essa semente sob a forma de tortura, ideal, luta, ou por simplesmente educar seus filhos de forma amorosa foram plantadas por mim, minha esposa, meus irmãos, minha adorada mãe, meu querido pai.

Sou uma célula viva com capacidade de ajudar nas transformações para um mundo feliz. Contem comigo.

**A SRA. ROSA MARTINELLI** – A primeira lembrança que eu tenho, porque eu era muito pequenininha, da primeira vez quando a gente teve que fugir do Rio de Janeiro para São Paulo eu tinha só dois anos. Então, a primeira lembrança muito viva que eu tenho, meu pai estava sempre viajando, e quando ele retornava sempre tinha uma bonequinha, uma coisa assim.

E da primeira vez, quando ele foi preso em 1970 eu vi que ele demorava a voltar, e eu sentia que as pessoas em volta, as pessoas próximas queriam me poupar de saber exatamente o que estava acontecendo com ele. Eu muito menina e apegada a ele, sentia que as pessoas cochichavam e escondiam algo de mim. Eu acho que se eu tenho alguma coisa que eu aprendi quando eu era pequenininha, foi silenciar. Silenciar é a palavra que me vem imediato na cabeça. Era sempre ‘psiu’, não pode falar. Eu perguntava e falavam ‘psiu’, era sempre um silêncio, eu chorava muito, muito porque eu sentia a falta dele.

E eu lembro quando a minha tia, irmã do meu pai conseguiu, ficaram sabendo que ele estava no Dops, eu nem sabia o que era Dops, nada disso, eu achava que ia visitá-lo em algum lugar, tinham encontrado meu pai. E eu fui com minha tia. Minha tia me levou porque eu era uma criança que não estava mais dormindo à noite, e ela quis me aliviar.

E eu me lembro que foi uma cena muito marcante nesse dia porque eu cheguei em um lugar muito escuro, com paredes escuras, eu cheguei naquele dia muito feliz porque ia rever meu pai, e é uma cena na minha memória muito marcante porque quando meu pai finalmente subiu ele tinha dois homens que amparavam ele, e ele era irreconhecível, (chora, muito emocionada). Eu não conseguia ver que aquele homem ali na minha frente era meu pai, ele era uma pessoa fisicamente diferente.

E eu lembro que até ele chegar bem próximo de mim ele colocou a mão na minha cabeça e eu nesse instante que eu vi que era ele. E eu não entendia nada, mas eu lembro que uma coisa que me chamou a atenção quando eu fecho os olhos e lembro desse dia era a camisa dele abotoada errada. E as mãos tremiam muito. Bastante.

E novamente eu caio naquela palavra silêncio porque a minha curiosidade infantil queria perguntar, “E aí pai, o que está acontecendo, o que é aqui?”. Eu me lembro da minha tia falando ‘xiu’, e então, as duas coisas muito marcantes foram essas. A segunda que eu tenho memória já foi no presídio Tiradentes, eu passava em revista junto com minha mãe e eu me lembro que em uma das vezes, meu pai fazia aniversário e minha mãe quis fazer um bolo, e a gente passou praticamente a sexta-feira inteira fazendo aquele bolo. A gente tinha pouco dinheiro e aquilo era um acontecimento.

E no dia seguinte, que era um sábado, as visitas eram sempre aos sábados, a gente foi até lá, eu e minha mãe. E nos meus olhos infantis, era inconcebível ver aquela mulher cortando aquele bolo em pedaços, ela praticamente destruiu o presente que a gente ia dar para o meu pai. E mais uma vez eu perguntei, “Mãe, porque ela está fazendo isso?”. E minha mãe me mandou fazer silêncio de novo.

Eu passava na revista feminina e aquilo sempre era para mim uma coisa absurda. Eu era criança, e eu tinha que abrir a boca, tinha que abrir as pernas, eles vasculhavam meu corpo todo para poder entrar.

Ali, para mim, era sempre uma coisa boa. Eu ficava feliz de ir até lá porque sabia que ia vê-lo e podia brincar. Era um pátio enorme, eu lembro dos dois pavilhões, onde de um lado eram os presos políticos e do outro os presos comuns. E eu sempre estava perto dos presos comuns, porque eu fazia umas brincadeiras, eles me jogavam colares, jogavam pulseiras e eu ficava feliz de ir no dia da visita.

Ali eu conheci outras pessoas como meu pai, mais jovens, com quem eu tinha afinidade por histórias, sempre gostei de ouvir histórias, e esse ano, no ano retrasado eu tive a felicidade de reencontrar um senhor que era preso junto com o meu pai, na época ele era estudante, jovem, um professor com quem eu sempre pentelhando muito ali no presídio, eu pedia que algumas vezes deixassem ele andar um pouco comigo pelo pátio, porque ele era um grande contador de histórias e...

Eu tive a felicidade de reencontrá-lo e de promover também o encontro dele com o meu pai, o Sr. Luiz Paulino. O Sr. Luiz Paulino é professor até hoje. Ele montou uma escola em Itapecerica da Serra, coincidentemente eu fui trabalhar no CEU Campo Limpo como coordenadora de projetos esportivos e uma das minhas subordinadas, Professora de educação física me falou, “Rosa, minha filha estuda em um colégio cujo diretor veio perguntar se você era Rosa Martinelli, e se você era filha do Raphael”. E eu falei, “Com é o nome dele?”.

Imediatamente eu lembrei porque ele era um querido, muito querido. E eu promovi esse encontro entre eles. Foi muito emocionante o encontro porque meu pai, ele nunca nos fala sobre tortura. Difícil.

Através desse senhor eu soube que eles se conheceram exatamente em um dia onde meu pai estava indo para os porões, ele estava entrando para a tortura junto com ele, eles não se conheciam e ele muito amedrontado, o rapaz diz que meu pai, “Puxa, eu tenho uma placa de metal na minha cabeça, eu fui operado. E eu tenho muito medo que eles me batam e eu possa morrer”. Então, ele mesmo me contou essa história. Meu pai tem uma grande dificuldade de falar nisso. Ele disse, “Quando eu entrei, a primeira coisa que o seu pai fez foi falar, não bata nele. Não bata na cabeça dele. Ele tem um problema assim, assim”. E ele acha que ele foi salvo por conta do meu pai ter dito isso.

E o aniversário dele de 70 anos foi no ano passado, e ele quis muito que meu pai fosse, e eu o levei, e ele colocou essa história pública e eu achei muito bacana porque mostra bem a pessoa do meu pai. Ele é esse cara que sempre é pelos outros. Muitas vezes, nós, filhos ficamos muito à parte da vida dele, porque ele queria nos poupar de saber tudo que estava acontecendo. Eu por muito tempo não quis saber dessa história. Talvez isso gritasse dentro de mim que eu resolvi não querer saber.

Por volta dos meus 30 anos eu tive a curiosidade de recolher umas fitas cassetes que meu pai deixava para alguns jornalistas na época. Eu praticamente roubei essas fitas para ouvir. E aí eram cinco fitas.

E na segunda eu já não conseguia mais parar de ouvir, e aquilo, ali ele falava muito a história dele e ali ele contava das torturas. Aquilo foi tão enorme dentro de mim, aquele rombo de imaginar que um ser humano possa ser capaz de fazer isso com outro, que eu tive como se fosse uma catarse, eu queria entender como isso podia ter acontecido a ele.

Ele fala pouco a respeito disso, mas a marca que ficou foi muito grande em todos nós, os filhos, porque você tem que recolher tudo isso para tomar para você uma certa identidade, porque você veio dali.

O que eu posso dizer é que nesse tempo todo eu vim perguntando a ele toda a história e fui sempre me interessando por tudo isso, de alguma forma, não só a história dele, mas a história da ditadura no Brasil ou em qualquer outro lugar, eu sempre tive um grande interesse, eu queria saber, queria esmiuçar, queria esmagar aquilo dentro de mim e eu...

Eu faço terapia, durante muitos anos fiz, e retomei porque eu tinha esse medo, medo da noite, medo deles irem embora, de pegar meu pai, minha mãe, meus irmãos. Eu acho que eu convivi com esse medo. E eu acho que só conseguia colocar esse medo para fora quando escrevia. E aí eu comecei a escrever, muito. Escrevia compulsivamente.

E quando adoeci há cerca de uns cinco anos, eu tive um câncer de mama e eu ganho de presente do meu pai todas as nossas cartinhas. As cartinhas, são quatro anos de cartas. Minha mãe, os meus irmãos e as minhas. Eu tinha 8 anos, 9. Ali eu pude ir formando o meu quebra-cabeça.

Eu fui lendo, relendo e sentindo o tamanho daquilo que era para mim naquela idade. E isso para mim foi maravilhoso, posso dizer. Era um privilegio poder ver toda a história dos quatro anos que meu pai ficou no presídio. Meu pai como todo revolucionário ele tem essa veia poética. Ele não gosta que fala isso, mas ele tem. Ele foi o cara que através das cartas me empurrava a escrever, a fazer rimas.

E todo sábado quando eu ia visitá-lo a gente trocava ideias sobre a leitura, e sobre o que eu tinha escrito, aquele versinho, enfim. Eu acho que partiu dele isso. E por conta desse silêncio verbal que toda a nossa família tinha que ter, eu posso dizer que eu me salvei através de tudo que eu escrevi.

Eu queria dizer que é bastante difícil para mim em particular falar sobre isso porque poucas vezes, eu gosto de falar. Eu gosto mais de escrever. Então, eu queria terminar o meu depoimento lendo um conto que foi o meu primeiro conto publicado. Ele esboça... (Pausa)

Quando eu fiquei doente, escrever para mim foi muito importante. E o meu primeiro conto, eu escrevia coisas para mim mesma. Coisas que eu guardava. Até que um dia resolvi publicar e uma pessoa falou, “Rosa, deixa eu publicar seu conto”. E eu deixei. E esse conto expressa bem a minha visão de menina quando visitava meu pai no Tiradentes. O conto chama “Anos 70”. E eu vou tentar ler.

“Mãos firmes a revistavam. Tinha apenas 9 anos. “Pode abaixar as calças, afastar as pernas, muito bem. Levante os braços, abra a boca. Cabelos. Tudo em uma agilidade troglodita e sem pausa. Pode se vestir, a saída é por ali”.

Por ali era um portão verde de ferro que dava para outro portão de grade, que dava para um pátio enorme que tinha chão de concreto quebrado. Ia feliz, sem entender.

Para o seu tamanho, aqueles dois pavilhões que rodeavam o pátio eram verdadeiros monumentos, cheios de janelinhas gradeadas e com mãos acenando. Quem seriam aqueles?

Passeava num passo de dança... Dois pra cá, dois pra lá... até chegar noutro portão onde a escuridão do lado de dentro lembrava os medos de dormir. Homens fardados barravam a entrada de um dos prédios grandes e, curiosa que era, a menina se enfiava entre os vãos das pernas enormes... “Posso ver?”

Perguntava. Lá vinha ele... Um homem baixo, loiro, rosto bonito, músculos fortes... E com aquele sorriso... um sorriso conhecido e querido, olhos muito claros que a fitavam com saudades. O coração ia aos pulos, quase tropeçava entre aquelas fardas... Tentando se aproximar. Mas, o que era aquilo? Porque ele tinha aquelas argolas rodeando seus punhos?

Já muito próxima,  a menina atônita já não era feliz, por tentar entender.

“Pai!”

Abraçava, pulava no colo, puxava sua mão... Quase o amassava.

“Pai, o que era aquilo? Porque aqueles homens prenderam seus braços?”

“São algemas e servem para que a gente não tente fugir.”

“O senhor quer fugir?”

“Não. Mas eles pensam que sim.”

“Pai, aprendi um novo passo... Quer ver? Aposto que não sabe fazer... Quer tentar? Dança comigo?”

Imagem surreal de alegria, num retângulo de vidas cortadas.

“Gostou?”

Nem percebeu que das janelas com mãos desconhecidas  lhes jogavam colares, pulseiras... Coisas bonitas.

“É pra mim?”

“Claro que sim! Pode dançar mais pequena bailarina!”

Lá ia ela fazendo rodas, cantarolando, fazendo estrela e sendo a própria.

“Quem são eles, pai?”

“São presos “comuns. É como são chamados.”

“O senhor também é um preso comum? Pois eu não acho... Acho que é um preso importante, o mais importante de todos!”

“Neste prédio que estou são só presos políticos... Somos divididos.”

“Preso político? É alguma coisa ruim?”

“Não é não...”

E sorriu aquele sorriso calmante.

“Mas pai, porque está preso?”

“Ainda é pequena para entender. Mas não estou feliz agora... Queria que voltasse pra casa. Quando for embora, vai parar lá na Av. Tiradentes, sabe qual é? Sei. Essa que fica em volta do prédio... Então, vai contar três andares, de baixo para cima e olhar pra janelinha da direita. Vou acenar pra você, com uma toalha branca. Vai imaginar um pássaro, que vai voar até seus ombros... E o levará sempre junto para onde quiser.”

“Puxa! Verdade? Já sei por que está aqui pai, e nem preciso crescer tanto. Está preso porque sonha bonito. Eles quiseram trancar suas palavras assim. Mas isso não é roubo?”

Dias depois:

“Tenho um pai passarinho poeta  preso – mas não conta pra ninguém. Contar o que? Que ele tem asas.”

O portão do Tiradentes ainda existe. A menina também. E o pássaro, ele continua voando.”

Obrigada.

**O SR. JAIME MARTINELLI –** Boa tarde a todos. Eu sou o mais velho dos irmãos. E o que não sofreu o que eles sofreram. Eu fui mais cobrador do meu pai, né... eu fui mais... eu tinha 15 anos quando aconteceu a revolução de 1964 e tudo isso que o Edson descreveu, voltar, ser distribuído em casa de estranhos, até que o meu avô reuniu a gente em uma casa de aluguel, conseguiu reunir a família toda e quando ele apareceu, depois de um ano e pouco que a gente teve a convivência com ele de novo. Era um líder sindical conhecido nacionalmente. Eu na época era só o colecionador de fotos na revista “O Cruzeiro”, “o homem que parava o brasil com alguns telefonemas”, e não tinha noção do tamanho, da grandeza, do que era meu pai.

E a gente.... logo nós percebemos que eu tinha que arrumar meu primeiro emprego, e assim aconteceu, e logo nós tivemos o problema de ele ser uma pessoa que sempre lutou contra a ditadura e ter sido preso na sede do Inocop. E eu já estava trabalhando. Ele não foi preso e localizado, ele foi preso e sumido.

A história é meio longa, mas foi através de uma tia minha que conhecia alta patente do Exercito e morava na rua dela, que conseguiu localizar onde ele estava e pediu para a família ir até a porta da Oban levando roupa, para eles saberem que tinham localizado ele.

E assim a nossa vida foi, para mim foi um pouco difícil porque eu passei a ser arrumo de família, e comecei a controlar os meus irmãos que em seguida foram tendo funções também na empresa, e aquela velha história de pegar os envelopes de pagamento, põe tudo aqui na mesa, passei a ser o pai deles.

Não aceito, isso... gente tem um rompimento de amor por causa dessas coisas de inversão de papéis. Tem uma carta inclusive que a Rosa me passou a pouco tempo que eu escrevi ao meu pai dizendo isso, que ele precisava na visita que o Edson fizesse lá, conversar para dizer que ele não fosse rebelde, porque não tinha dinheiro, tinha namorada que é a esposa dele hoje, mas o dinheiro quem separava para ele ir no cinema era o Jaime. Era eu que fazia as funções ruins da família.

E comecei a ser um questionador do meu pai, eu fui visitá-lo não tantas vezes cassado, procurado, e tinha passado aquela fase... ele se envolveu com lutas armadas e eu acho que ele não pensou tanto na família. E nós não sabíamos exatamente o que ele fazia. Eu acho que isso foi uma defesa para a família. Se nós tivéssemos sido pegos, torturados, nós não tínhamos o que falar do meu pai. Nem a mãe e nenhum dos filhos sabíamos o que ele estava fazendo.

E fomos descobrindo tudo com processo, com torturas, eu questionava muito que ele não devia ter se metido naquilo, mas passam-se os anos e hoje eu falo para muita gente, meu pai como pai, ele... eu acho que um idealista não devia ser pai. Mas como ser humano, como alguém que conhece, que conversa, vira fã do velho. Uma figura rara, uma pessoa que passou por altos cargos e não teve um tostão na vida, a casa que ele teve foi graças aos filhos pagarem as mensalidades do Inocop, ele iniciou, ele que fez o carnezinho, mas nós que pagamos.

E uma pessoa que é amigo do presidente da República, amigo do João Goulart, nessa situação. Ele nunca quis nada para ele, sempre lutou pelo bem do povo brasileiro e hoje isso parece uma utopia. Hoje a gente vê tudo que acontece aí, uma pessoa que nem o próprio Lula, que sai de uma condição de nada e hoje é um milionário. Não que a gente quisesse isso para nós, mas meu pai merecia um reconhecimento, meu pai merecia...

Acho que o livro dele, nós vamos... a Rosa deu uma olhada em tudo, mas os outros filhos não deram. Vai vir coisas que a gente também não sabe, mas eu tenho certeza de uma coisa, o que vai ser feito para a ferrovia do Brasil, o que vai ser feito para os portuários, não é, que é a classe que ele defendia na época, marítimos, portuários e ferroviários, todos esses anos de esquecimento da ferrovia brasileira e esse homem não ter sido guindado pelo Lula para fazer um projeto de ferrovias, não é, uma pessoa que, quando eu, com meus 14 anos, na federação, um moleque, passando os dias lá, porque meu pai era o presidente, eu podia fazer isso, ele recebeu uma delegação francesa e eu assisti lá um filmezinho de Super-8 ainda, com a imagem do trem-bala francês. Mil novecentos e sessenta e três, quase 1964.

E ele lutou tanto por isso e se passaram aí... cinquenta anos e agora que se começa a falar nisso no Brasil. Um homem desses já teria feito pelo Brasil.... A gente não estaria nessa situação lamentável com as rodovias todas entupidas e nada de malha ferroviária.

Mas a história deve estar nesse livro dele, que é mais a história de um ferroviário do que de um político.

E o que eu acho é seguinte: é uma pessoa que, graças a Deus, como disse o Edson, que a gente tem ele por todo esse tempo para consertar erros de não entendê-lo, erros de...

Porque, uma família como a dele, que a gente passava Natais com todos os irmãos dele, todas as noras, cantando, fazendo aquela farra italiana lá, e nós como irmãos, filhos dele, não conseguimos.... Não conseguimos ter essa união, pela ausência dele, uma coisa que ele amava, né, família...

Eu fui um privilegiado que, meu nome não tinha nada a ver com a política dele ainda, os outros todos tiveram... O Edson, para vocês saberem, o Edson é Edson Lênin Martinelli, né, ele carregou isso na fase de escola e tudo, isso é que eu acho que meu pai deveria ter tirado esse carimbo dos filhos. A gente não merecia isso, mas é um idealista, e paciência.

E comigo eu tive, por exemplo, eu tive o que ele adora, junto dos netos, eu vi isso. Ele é um moleque junto dos netos, a gente vê isso, ele é um moleque junto dos netos, tem uma saúde para brincar violenta, e eu passei por isso como filho.

Fui filho único por quatro anos e pouco, e depois ele já metido em política, meus outros irmãos sofreram, não conheceram esse pai que eu conheci. Eu tenho certeza que o maior cobrador dele de tudo, fui eu. Hoje a gente, graças a Deus, já tirou algumas barreiras da frente, mas ele sabe que eu fui o filho mais incompreensivo.

Agora, uma coisa que eu queria deixar claro, eu acho que a Comissão da Verdade está batendo muito nessa tecla, é: tortura nunca mais. Meu pai foi torturado de maneira bárbara.

E era treinado para isso também, não podemos dizer que era nenhum bobinho. Ele foi treinado para tudo isso, mas ele esteve em um programa agora, recentemente, do Abujamra, “Provocações”, onde ele falou uma coisa que eu vi pela primeira vez que marcou muito.

Foi perguntado por que ele era da linha stalinista, que para mim sempre foi um criminoso dos maiores que teve nessa humanidade, e ele disse, foi questionado pelo Abujamra, mas, stalinista, e ele falou, “Sim porque Stalin matava, mas não torturava. Tortura é a coisa mais absurda que existe no mundo”. E eu acredito que só quem tenha passado, e ele passou, pode dizer isso com todas as letras. É muito mais fácil matar do que torturar.

Então, essa coisa horrível que algumas pessoas estão passando aqui pela Comissão da Verdade tentando se defender, as pessoas não podem ser humanas fazendo torturas com seres humanos. Isso é, não pode ter uma inteligência, por exemplo, de uma ditadura colocada naquele momento que tenha que se fazer dessa coisa absurda, dessa coisa abominável para que se possa vencer uma mentalidade contra o atual regime da época. Então, é isso que eu queria deixar gravado.

A Comissão da Verdade eu tenho acompanhado, e eu espero que tenha bastante frutos, mas nunca mais e tem algumas pessoas aí com a idade do meu pai, que possam dar esses depoimentos e dizer quem realmente são torturadores, quem realmente fizeram essa coisa horrível e que as famílias foram...

Nós estávamos conversando vindo para cá, pelo que a Rosa ouviu de depoimentos, acho que a nossa ainda foi privilegiada. A nossa não teve nascimento em cela de tortura, mães dando à luz em cárceres, a nossa ainda foi privilegiada. Graças a Deus estamos todos com saúde, com netos, e aí tocando a vida.

Espero maior sucesso para a Comissão da Verdade e que realmente vocês prestem atenção, esse homem não vai estar mais muito tempo entre nós, apesar de ter uma saúde melhor que a minha, mas é uma figura rara, na política brasileira é uma figura rara. É só.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Quando sai o livro? Quando vai ser lançado, já está pronto?

**O SR. JAIME MARTINELLI –** Ele está sendo parece que revisado. Mas depende de alguma parte financeira, que eu acho um absurdo também. Infelizmente nenhum dos filhos ficou milionário para fazer... Infelizmente, quem podia fazer isso por ele já não está mais nessa vida, e ele precisava de uma ajuda de alguém para poder circular o livro. É um livro pesado, parece que quase 500 páginas. Então, não é fácil você mandar rodar e editar um livro desses. Então, está precisando de uma ajuda financeira. Mas totalmente sendo revisado só a parte de português, de fotografias também.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Está bem. Mas vocês não querem... Lógico que vocês falaram bastante do Martinelli, e é lógico que ele é um personagem da história do Brasil, mas vocês não, agora que passou aquele impacto inicial, vocês não querem falar um pouco mais de vocês? Seria interessante se vocês pudessem falar um pouco mais...

**O SR. EDSON MARTINELLI –** O sobrenome Lênin, por exemplo, hoje você vê a estátua do Lênin caída no chão, você fica com aquela... Que homenagem foi essa? Isso confunde até hoje. Porque derrubaram a estátua do Lênin? Ele mereceu isso aí?

E eu tive que ficar por vários anos escondendo essa imagem do Lênin. Eu tive um professor que era sargento que me olhava de uma forma estranha nas aulas de educação física. Muita coisa se perde.

Eu acho que a gente perdeu a adolescência, perdeu muita coisa. Mas a gente idolatra, felizmente, muito meu pai. Apesar de falhas como pai, porque nós somos órfãos com pai, porque o idealismo ele faz com que aconteça isso aí.

Prejuízos, a gente teve alguns prejuízos. Trabalhar muito cedo, vida dura, deixar todo o dinheiro em casa até os 23 anos de idade. Você não viver mesmo o fogo da adolescência, a gente sofre um bocado, mas a coisa forte que fica é como eu coloquei.

É a dignidade, a honestidade, é ter esse exemplo de pai que não tirou um tostão de ninguém. Hoje eu sou uma pessoa feliz. E feliz de estar do lado do velho até hoje, com 89 anos. Sofri mas sou feliz. Como diz aquela música.

Só isso que eu tenho para falar.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Foi importante você falar. Quer falar mais um pouquinho, Rosa? Você fala tão bem.

**A SRA. ROSA MARTINELLI** – Choro bem. Eu acho que falar da gente mesmo é sempre, é um assunto, por exemplo, quando tudo começou, a Comissão da Verdade, quando tudo começou vir à tona novamente, eu falava: “Puxa, que bacana. Esses caras vão novamente pagar pelo que eles fizeram. Esses caras sádicos, psicopatas, não sei nem que nome dar para isso. Finalmente eles vão lá sentar e ser julgados pelos crimes que cometeram”, aí eu me desiludo. Eu comigo mesmo, esse assunto sempre, para mim é muito visceral. Eu me incomodo profundamente de a Lei da Anistia ter perdoado esses monstros.

Eu gostaria muito de pensar que essa Lei pudesse ser novamente revista. Se existe a possibilidade de ela ser revista, porque eu não sei se foi aqui que o Ustra sentou, ele veio por aqui? Brasília. Pois é, como é que dá para aquele homem, quer dizer, dá, você está em uma democracia e você pode ouvir qualquer coisa. Mas é inconcebível alguém que fez o que fez estar ali andando normalmente, e com todo aquele palavreado. Não dá para entender.

E é assim, olhar para os vizinhos, Argentina, Chile, eles julgaram seus atrozes, eles realmente julgaram. Por que o Brasil não revê isso? Famílias foram destroçadas, então, falar da gente aqui, falar da própria dor é sempre muito difícil. Mas eu consigo ver a amplitude disso.

A Amelinha está aqui, eu sei dos depoimentos dela, consigo ver o quanto ela sofreu, histórias de arrepiar, parece sempre que a da gente é menorzinha. Eu sempre penso nisso. Até mesmo o que ficou em relação ao meu pai é sempre assim, existe uma certa distância.

Existe algum lugar que dá para chegar no meu pai, e em outros momentos, ele mantém uma distância que é própria dele. De não querer falar no assunto, de não querer te machucar, mas de qualquer forma quem passou por uma tortura, parece que já passou pela pior coisa do mundo. Então, para a gente que é filho, muitas vezes a gente tem alguns problemas, fica difícil você chegar com aquele seu probleminha, “Pai, você não sabe o que me aconteceu”. Parece sempre pequenininho, porque diante do que ele passou não existe coisa pior no mundo.

Então, a gente sempre acabou por colocar essa distância em relação a ele. Não só por ele, mas pela gente mesmo. Eu não sei dizer, talvez inconscientemente, eu não sei dizer, mesmo com pouca consciência disso, existia sempre essa... “Poxa, eu não vou falar disso para ele... Um cara que já passou por tudo aquilo, ele não vai querer saber se o meu pneu furou, por exemplo.

Então, se é para eu falar de mim mesma, posso dizer que eu sempre fui uma pessoa que procurei caminhar com as minhas próprias pernas. Quebrei elas várias vezes e na hora em que quebrei, era difícil chegar nele e falar “Poxa pai, quebrei as pernas”. Sempre foi muito difícil.

Essa ligação, quem fazia era a minha mãe, que sempre... ela tinha uma amorosidade assim... minha mae... maravilhosa.

Então, quando ela foi embora, quando ela partiu, essa caminhada com as próprias pernas ficou intensificada para mim.

E aí, eu... sei lá, não sei se por orgulho, se por essa história ter um peso muito grande na vida da gente que somos filhos.... Eu fui tentando fazer minha vida do jeito que dava, conforme dava. Nunca queria pedir, nunca queria preocupar as outras pessoas.

Acho que sempre tem aquela questão “Puxa vou invadir... Não quero ser invasiva, não quero causar problemas...”

E no fim, quanto menos você quer causar problemas, mais você causa. E eu... Enfim. Acho que assim, falar de mim é falar um pouco disse, de que quando eu cheguei no processo de... da doença, eu questionei tudo isso aí. E tentei, de alguma forma, me aproximar um pouco mais do meu pai. Aproximar emocionalmente, porque o meu pai, a gente herdou uma coisa do meu pai que eu acho que é... é difícil, que é essa coisa desse silêncio emocional...

Nós somos uma família que não falava através dos toques.... toda família se abraça se abraça, se beija, sei lá. Sei lá. A gente sempre teve muita dificuldade disso.

Eu talvez tenha sido um pouco agraciada porque de certa forma, uma menina em uma família de homens, sempre parece que é um presente. Então, talvez eu tenha tido um pouco mais de privilégio nisso.

Mas até hoje eu acho que a gente tem uma grande dificuldade de se expressar emocionalmente, e falar o quanto um ama o outro, e é assim, mais ou menos assim, bom, você entendeu o que eu quis dizer, você não fala nada, mas você entendeu o que eu quis dizer, né? A pessoa tem que entender que você gosta dela, que você ama ela, que você faria tudo por ela. Nem sempre, a gente ás vezes quer ouvir.

E meu pai tem essa coisa, porque se você encostar nele assim, ele tem uma fragilidade emocional muito grande. Então, ele não quer falar no assunto, ele não precisa falar, ele sai de cena.

Hoje um pouco mais com a idade dele, ele está um pouco mais flexível, eu diria. Ele se preocupa mais, ele quer que a gente ligue, enfim.

Então, esse movimento que a gente faz para se aproximar é sempre muito, passa por esse traço que ficou, que é um traço pesado. Talvez a gente tenha essa memória, a memória da gente daquele período, talvez tenha um peso tão grande que nos dificulta esse acesso hoje.

Enfim, eu acho que eu em terapia, por exemplo, para se ter uma ideia de como eu sempre tive relacionamentos difíceis, casamentos difíceis, alguns terapeutas chegaram à conclusão de que eu amo quando eu amo, eu amo à distância, porque quando meu pai foi preso eu vivia em pleno Édipo, toda menina é apaixonada pelo seu pai, e exatamente nesse momento ele saía de cena.

Então, eles chegaram à conclusão de que eu amo o distante. Quando esse distante se aproxima de mim, eu não sei o que fazer. Até é engraçado porque cada vez que eu tive qualquer relacionamento eu ficava pensando, puxa, esse cara tem o quê? Ele deve ter alguma coisa muito problemática para eu poder estar gostando dele.

Enfim, falar de mim é falar um pouco disso porque essa relação com o outro sempre foi difícil para mim, e para o outro claro, porque eu me coloco distante, eu não sei quem é, será que eu posso gostar, e se você for embora? E se ele for embora daqui e não voltar nunca mais?

Claro que hoje aos 50 anos, eu trabalhei tudo isso e não estou curada, mas me sinto muito mais consciente de que isso veio daquela época, porque eu amei meu pai distantemente. Nem sei se existe essa palavra, mas distantemente eu amei meu pai.

Hoje, para se ter uma ideia, eu nunca disse ao meu pai que eu amava ele. Nunca. Não consigo. É como se falar de amor é falar de uma coisa muito frágil e que pode quebrar. E, no entanto, a história dele é toda de amor. A história dele é uma história de amor pelo seu povo, pelo seu país, é um cara que teria dado a vida pelo país dele.

**O SR. JAIME MARTINELLI –** Ás vezes, no nosso egoísmo, a gente achava que esse amor não vinha para nós, só ia para os outros. E a gente tinha raiva do meu pai por causa disso aí. Eu principalmente.

**A SRA. ROSA MARTINELLI** – Então, amar, claro que você vai aprendendo. Amar é um processo longo. E o bom quando eu olho aquelas cartinhas e eu via a menina que eu era naquele período, eu dizia, “Eu te amo meu papai, papaizinho, você é meu galã, você é meu príncipe”, essas coisas que uma criança diz ao pai. Então, é como se eu tivesse feito isso naquele período e de lá para cá eu não sei como se faz esse caminho.

Não só com o meu pai... Eu não sei como se faz esse caminho com irmãos, com filho, pensando aqui, agora, nesse momento, se tem algum lugar que a ditadura, a história me alterou, foi aí. Eu acho que foi no amor, que eu não sei expressar. Eu não consigo nem com o amor maior do mundo que é amor de filho, que ele sofre com isso também.

E eu sei, eu sei o quanto eu amo, mas eu não consigo expressar. Eu tenho essa barreira. Eu acho que aí eu realmente tenho as sequelas desse período, não é só pelo distanciamento do meu pai e tudo mais, mas a sequela vem daí. É como se eu não pudesse falar, vai falar, não fala. Então, era sempre o silêncio, o silêncio, o silêncio. O silêncio era a coisa mais importante naquele período. Eu aprendi direitinho o silêncio, e eu queria me livrar dele. E é difícil conseguir. Até os 50 e não consegui. Difícil.

Eu acho que é isso.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Quanto tempo faz que a mãe de vocês faleceu?

**A SRA. ROSA MARTINELLI** – Vai fazer dez anos nesse ano.

A minha mãe era descendente de português. A família dela toda de Jundiaí. Vários irmãos, e ela era uma das caçulas. A minha mãe era a pessoa, acho que da família era a que mais expressava o amor. Era a que nos unia. Ela sempre deu a vida pelos filhos. Ela não queria saber onde estava o meu pai, ela não queria saber das coisas que meu pai fazia. Ela não queria saber.

Então, o meu pai tinha uma vida completamente à parte. Quando ela perguntava, “Mas onde você estava?”. Ele dizia: “É melhor não saber por que eu não quero que eles venham aqui, peguem vocês e vocês sob tortura, contem”. Então, ele nunca falava para ela às coisas que ele fazia. E nós ficamos muito à parte.

Minha mãe era quem trazia aquela coisa de família, do almoço de domingo, de reunir os filhos, de ligar para cada um, depois os meninos casaram, ela sempre estava em constante contato querendo que eles passassem por lá. Ela tinha esse apego, esse amor. Eu não sei por que a gente não aprendeu com ela.

**O SR. JAIME MARTINELLI –** Era uma expressão máxima da humildade.

**A SRA. ROSA MARTINELLI –** Ela era muito humilde. Tanto que existe uma história em que meu pai conta nessas brechas que meu pai dá das coisas que ele conta. Ele dizia que durante a tortura, em um dos momentos que ele, apanhando muito, os caras falaram, já foram lá? Já viram a mulher dele? Vamos trazer a sua esposa aqui no que um dos torturadores disse, ela não vale a pena, ela é uma mulher que anda descalça, maltrapilha. E minha mãe não era uma maltrapilha, mas ela andava descalça. Era uma mulher humilde, simples, sem atrativo, uma mulher sem vaidade, já viu alguém sem vaidade? Minha mãe não tinha nenhuma. Nenhuma vaidade, nada. E essa história, ela sempre falava, quando essa história veio à tona e ela soube, ela dizia, “Puxa, eles falaram isso de mim? Devo estar mal mesmo”.

Mas é porque eles chegaram a ir atrás dela, mas ela não valia a pena. Foi isso que disseram.

**O SR. JAIME MARTINELLI –** Eu tenho graças a Deus o meu compadre hoje, que nas ausências dos meus irmãos ele é um irmão também, que ele falou sobre minha mãe uma coisa que me marcou pelo resto da minha vida. Ele diz que ela tinha que ser canonizada viva. Ele conheceu ela como frequentadora da casa, e ela não era uma pessoa que por ser apolítica, sem vida.

Eu tenho certeza absoluta que ela era uma mãe galinha. Tanto é que dois de nós, três se divorciou, voltou para casa adulto, pai de filhos, maior alegria de ela receber, coitada das ex-noras que ficaram horrorizadas de verem que ela podia cuidar de nós de novo. Que foi o que ela soube fazer a vida inteira. Ela não queria nenhuma outra coisa a cuidar dos filhos.

Só para mim complementar, sobre nós, os quatro irmãos se formaram, trabalhando e parando seus cursos superiores, pudemos fazer o inverso com os filhos, graças a Deus.

Mas o que eu queria deixar uma mensagem voltando ao caso do meu pai, ele deve ser uma pessoa muito decepcionada com amizades, o que criou para mim um problema seriíssimo. Eu tenho um amigo só, que é meu compadre. Não tenho mais porque é uma dificuldade de hoje em dia, você ter amigos.

Eu lembro dele falando bem de Lula em casa, quando era líder sindical ainda que estava viajando o mundo, sendo acusado que já estava sendo financiado, e ele defendendo dizendo que ele tinha feito a mesma coisa, para os filhos lá em casa. “Eu fiz a mesma coisa, conheci o mundo sendo convidado sem ter um dinheiro no bolso, sendo chamado, e o Lula está fazendo a mesma coisa”. E não era.

Eu fico imaginando a decepção dele com o José Dirceu, com o Genoíno, com o Luiz Eduardo Greenhalgh, que quando eu estava divorciado na minha mãe, atendia telefonema dessas pessoas procurando pelo meu pai. Devem ter usado todo o conhecimento que ele teve como líder sindical, como tudo que ele conhecia de ferrovia e conhece até hoje, e está sempre atualizando. E essas pessoas estão vendo isso até hoje. Ele está vendo isso.

Ele como idealista, uma pessoa com capacidade enorme sem ter feito nenhuma fortuna alheia, não pegando nada que não era do nosso país, e esses sem vergonha dessa bandidagem toda que ele considerava como pessoas dignas, e esse papelão, então imagine meu pai, nunca perguntei isso para ele porque a gente não tem essa liberdade, mas a decepção que ele tem com pessoas que ele confiava. É uma coisa terrível.

E só para dizer um fato que eu comprovei que o João Goulart era amigo dele, quando ele teve na lista trocada pelo Cônsul brasileiro que ele se recusou a ir porque ele queria cumprir, o que ele devesse, ele devia mesmo. Ele lutava na ocasião, ele lutava contra a ditadura. Era uma luta, então ele quis pagar no Brasil o que ele estava fazendo de errado, ele quis cumprir a pena dele aqui como cumpriu.

A gente estava naquela situação muito ruim na Lapa de baixo, morando de aluguel, sendo ajudado por parentes, e um amigo do João Goulart veio em casa e eu por acaso estava lá, conversar com minha mãe para falar que o João Goulart estava chamando para a gente viver no Uruguai, ter emprego para o meu pai lá, para a gente largar tudo e ir embora.

E ele logicamente com tudo que ele é, não aceitou. Graças a Deus, que nós não somos uruguaios, somos brasileiros.

Mas, teve esse único amigo que reconheceu mesmo e sabia que meu pai estava passando as necessidades e queria que meu pai fosse para lá. E essa pessoa subiu, acho que isso faz parte até do livro do meu pai, porque eu contei para o produtor do livro, o editor, ele subiu na Lapa de cima, porque viu a situação que a gente tinha, não tinha nada e comprou uma máquina de lavar e mandou entregar em casa. Indo embora, voltando para o Uruguai, passou lá, pegou o endereço e deixou, anotou tudo direitinho e mandou entregar.

Então, a amizade única e pura do meu pai na parte política, ele deve ter outras, mas essa é a que eu tenho certeza, e um monte de decepções que a gente carrega, pelo menos eu, eu estou sendo nesse depoimento o mais sincero possível, nós temos aqui problemas entre irmãos, problemas não, nos amamos e tudo, mas eu vim conversando agora com o Edson e contei uma passagem de como a gente saiu do Rio de Janeiro e ele não lembrava, era bem menor que eu.

Então, tem algumas coisas que eu conheço e eles não conhecem. É falta da convivência de irmãos. Infelizmente a gente teve isso. Mas o que eu queria deixar é isso. Eu tenho dificuldades para amigos.

Outra coisa que eu queria falar sobre a minha pessoa também, que meus irmãos talvez não saibam esse meu pensamento, dificilmente, trabalhei em multinacionais, vivi, cresci, comprei minha casa própria, meu carro, eduquei meus filhos, tudo, e a gente assistiu como vocês todos devem assistir, esse mundo não é para pessoas que nem meu pai, honesto.

A gente teve na nossa frente um monte de caminhos para seguir para ficar muito bem de vida. Eu recusei todos. Eu tenho certeza que algumas conversas que eu tive com o Edson, igualmente.

Nós tivemos esse problema de não triar, se for em benefício próprio, fazer alguma coisa que não é conforme a lei, conforme a honestidade que meu pai deixou uma herança fantástica para nós, a gente não triou. Não lamento nem um pouco disso e graças a Deus estou que nem o Edson falou, estou feliz com a minha vida. Podendo abraçar meu pai, tendo tempo de falar aqui, eu te amo, pai. Ainda está em tempo de a gente falar isso. Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Eu agradeço. Agradeço a família Martinelli e quero ver se é possível que o Luiz Carlos venha ainda. Foi muito bonito. Agradecemos a todos.

A sessão está encerrada.

\* \* \*